

## APRESENTAÇÃO

### DOSSIÊ: EDUCAÇÃO HÍBRIDA: CONTEXTOS, APRENDIZAGENS, POLÍTICAS E PRÁTICAS DE PESQUISA E FORMAÇÃO

Os conceitos de educação híbrida ou hibridismo para a educação são usados para caracterizar a educação no contexto da cibercultura, consagrando-se como referências para algumas das maiores tendências da Educação do século XXI, ampliando as discussões sobre contextos, modalidades, aprendizagens, práticas de pesquisa e formação, tecnologias e políticas. Entretanto, encontramos diferentes abordagens para este conceito, atravessadas por várias áreas do conhecimento e diferentes compreensões epistemológicas, demonstrando a emergência do conceito que se encontra em construção.

De forma geral, poderíamos dizer que a educação híbrida, em alguns contextos entendida como *blended learning*, combina e articula o melhor de dois mundos: aspectos da sala de aula presencial cruzados com as possibilidades da sala de aula on-line. Também alguns referenciais tratam o ensino híbrido sob a perspectiva da inovação educacional, destacando diferentes modelos que podem fomentar inovações sustentadas ou disruptivas. O ensino híbrido se efetiva com base em modelos pré-definidos, como modelo de rotação (rotação por estações, laboratório rotacional, sala de aula invertida, rotação individual), modelo *flex*, modelo *à la carte*, modelo virtual enriquecido. Assim, Vanessa da Silva Marcon, Veronice Camargo da Silva e Auriane Erthal abordam “Experiências de multiletramentos na escola pública: ensino híbrido, metodologias ativas e interdisciplinaridade”, a partir de modelos inspirados no ensino híbrido na escola pública. Nessa mesma perspectiva, está o artigo “Ensino híbrido: um estudo sobre experiências de aprendizagem em um modelo de sala de aula invertida”, escrito por Juliana Lopes de Almeida Souza, Jane Leroy Evangelista e Ana Cristina Gomes Santos Hostt, que analisam o modelo de ensino híbrido sob a ótica da aprendizagem. De forma complementar, o artigo “Ensino híbrido e o desenvolvimento de competências gerais da Base Nacional Comum Curricular”, escrito por Fernando de Mello Trevisani e Ygor Corrêa, apresenta um possível modelo de aula que pode contribuir com o desenvolvimento de competências gerais. Também existe a possibilidade de o professor propor um modelo próprio a partir da mescla de diferentes propostas. Como sistematização dos modelos híbridos, o artigo intitulado “Práticas híbridas dos sujeitos aprendentes – uma proposição de modelagem para análise das formas de hibridismo presentes nas instituições formativas”, de autoria de Kathia Marise Borges Sales e Jader Cristiano Magalhães de Albuquerque, propõe a criação de um modelo para análise das formas de hibridismo presentes nas instituições.

O hibridismo também é percebido no cotidiano a partir do entrelaçamento das tecnologias (analógicas e digitais), sobretudo entre as tecnologias digitais. As autoras Mariana Roncale, Dulce Márcia Cruz e Nadja Maria Acioly-Régner discutem, em “Classes culturais digitais: aspectos presenciais e virtuais nos processos de uma produção audiovisual colaborativa”, as relações estabelecidas nos processos de produção audiovisual colaborativa. Nessa mesma perspectiva, Raquel Lopes e Leonardo Zenha Cordeiro são autores de “Uma experiência de educação híbrida no interior da Amazônia: entre práticas, aprendizagens e contradições”, no qual apresentam uma experiência de educação híbrida no interior da Amazônia brasileira, discutindo as potencialidades e as múltiplas formas de aprendizagem possibilitadas por diferentes metodologias.

Na literatura da área, encontramos o detalhamento destes modelos, que podem ser usados como referência, mas também há o perigo de uma padronização e/ou uma subutilização do vocábulo, definindo, de forma indiscriminada, o híbrido. Por isso, são propostas as reflexões de Felipe da Silva Ponte de Carvalho e Edmea Santos, no artigo “Ambiências ubíquas formativas na educação on-line”, sobre experiências a partir de atos de currículo na educação on-line através da plataforma Moodle.

Estudos sob a perspectiva do hibridismo destacam, ainda, a articulação entre os espaços físico e on-line em práticas educativas. O conceito de hibridismo na Educação emerge a partir da explosão da cultura digital (ou cibercultura) em meados dos anos 1990 e se desenvolve em congruência ao conceito de espaço híbrido definido pelo geógrafo Milton Santos no mesmo período. O espaço “é um misto, um híbrido, um composto de formas-conteúdo” (2006, p. 25), assim, atualmente, o híbrido extrapola sua dimensão, contemplando os fluxos de transmissão da informação e as novas formas de computação, como realidade aumentada e mista, e computação ubíqua, pervasiva e vestível, ou seja, aquela que está onipresente, espalhada em todos os espaços. O artigo “Tecnologias digitais da informação e comunicação na educação e uma possível educação hacker”, de autoria de Elisiana Frizzoni Candian e Adriana Rocha Bruno, apresenta vivências que possam transformar e inspirar práticas educacionais híbridas. Esse misto de espaço, tecnologia e conhecimento é discutido por Douglas Carvalho Amorim e Luis Paulo Leopoldo Mercado, no artigo “Possibilidades e desafios de uso do jogo digital Pokémon Go em espaços escolares no contexto de cibercultura e hibridismo tecnológico digital: trilhas iniciais para o ensino de biologia”.

Verificamos que o campo de pesquisa na área da Educação Híbrida também é discutido sob a perspectiva da aprendizagem ubíqua e da Educação a Distância. O artigo “Educação híbrida e aprendizagem ubíqua: os dispositivos móveis como recursos de mediação”, de Isis Nalva Albuquerque Cardoso e Guilmer Brito Silva, apresenta uma reflexão sobre o uso de dispositivos móveis para potencializar a aprendizagem ubíqua. Por outro lado, o artigo “O dinamismo da educação à distância e híbrida da América Latina e

Brasil”, de Claudio Rama Vitale, Katia Ethienne Esteves dos Santos e Patricia Lupion Torres, tensiona os desafios das propostas didático-pedagógicas tecnológicas, dos processos de ensino-aprendizagem e dos investimentos nas diferentes modalidades.

Considerando as diferentes abordagens conceituais e as ressignificações que o conceito de híbrido sofreu ao longo da história, destacamos, conforme Backes, La Rocca e Carneiro (2019), a importância de considerar a perspectiva híbrida de maneira aberta, conectando, articulando e misturando os diferentes domínios teóricos a fim de apresentar uma visão ampla, pressupondo uma interrelação de várias formas sociais e de pensamentos. O híbrido também pode ser pensado como uma metáfora tanto da realidade quanto da própria ciência, pois faz emergir os paradoxos e as interrogações, sendo essas interrogações que nos permitem pensar de forma híbrida como meio de conhecimento e como resultado da realidade social.

Desse modo, agradecemos aos autores o diálogo propiciado a partir de diferentes perspectivas e práticas no contexto da educação na cibercultura.

Profa. Dra. Edmea Santos (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ)

Profa. Dra. Luciana Backes (Universidade La Salle)

Profa. Dra. Patrícia Scherer Bassani (Universidade Feevale)